

Introdução

Sou originário do Gabão, país de língua oficial francesa. Fui criado num ambiente onde se falava mais de uma língua: as línguas bantas do Gabão e o francês. Fui alfabetizado em francês. Mas na minha casa e com meus familiares, sempre falei lembaama, a língua de origem dos ambaama (etnia que se encontra no leste do Gabão e no norte-oeste do Congo-Brazzaville). Quando fui para o secundário (ensino médio no Brasil), aprendi outras línguas ocidentais: o inglês e o espanhol. Portanto, falo mais de uma língua.

Quanto à minha experiência na aprendizagem do português brasileiro, ela começou no Gabão quando soube que tinha obtido uma bolsa de estudo do governo gabonês para estudar Administração no Brasil. Comprei um dicionário francês-português-francês. Mas era um dicionário mais voltado para o português de Portugal do que ao do Brasil. Fui também à embaixada do Brasil no Gabão pegar algum jornal para começar a traduzir.

1. A chegada ao Brasil

Cheguei ao Brasil no dia primeiro de novembro de 1993 com um grupo de outros estudantes do Gabão que conheci no avião em Libreville (capital do Gabão). Éramos uns quarenta estudantes, pois o país tinha premiado todos aqueles estudantes, graças aos seus bons resultados no *baccalauréat* (exame para ingressar em qualquer estabelecimento de ensino superior, no sistema educacional dos países de língua francesa). É costume do governo do Gabão premiar os seus melhores alunos em todos os níveis de estudo (primário, médio e superior).

Nesse caso, como tínhamos acabado o ensino médio, precisávamos continuar nossos estudos em escolas superiores, institutos ou faculdades. No Gabão, quando o país não tem mais vagas ou quando não existe o curso requerido pelo aluno bolsista no país, a solução é mandar os melhores alunos continuarem seus estudos fora. Foi o nosso caso.

¹ Doutorando em lingüística africana – FFLCH/USP, okoudowa@usp.br.

Naquela época, o país precisava formar quadros superiores nas áreas de engenharia e de administração de Empresas. A seleção dos futuros estudantes e das universidades foi feita numa parceria entre o Ministério das Bolsas e Estágios do Gabão e embaixada do Brasil em Libreville. Essa parceria faz parte até hoje do convênio Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G). O principal critério de seleção dos alunos para decidir se ia para tal ou tal outra universidade brasileira, eram as suas notas no Bac (Baccalauréat) e no ensino médio. Ou seja, os melhores alunos do ensino médio nas melhores faculdades.

2.O curso de português em Brasília

Fomos levados primeiro para Brasília, onde é a embaixada do Gabão. Lá, fomos colocados num hotel “Buriti Plaza” no Bairro Bandeirante e inscritos no curso de português para estrangeiro, da faculdade de letras da Universidade de Brasília (UnB). O curso assumia um caráter intensivo e isso era necessário porque começaríamos o ano letivo em fevereiro do ano seguinte: 1994. A idéia do Curso era dar os fundamentos básicos da língua português aos futuros estudantes de engenharia e administração que éramos.

Tínhamos aulas de português o dia inteiro. Começávamos às oito da manhã. Parávamos na hora de almoço e retomávamos duas horas depois, até as dezessete horas da tarde. As aulas eram todas em português. Lembro-me que, desde o começo, entendia melhor que os meus colegas. Tanto é que fui chamado para traduzir o regulamento e as recomendações da supervisora em cada uma das turmas do curso. Eram duas.

O material do curso era composto apenas de um livro: *Fala Brasil*. Livro escrito pelos autores Pierre Coudry e Elizabeth Fontão do Patrocínio, em 1989, publicado pela editora Pontes Editores em Campinas (SP). O livro trazia diálogos baseados em situações reais do dia-a-dia. De um lado, diálogos (situações) acompanhados de exercícios, vocabulário ou sistematização, exemplos, expansão e exercícios. Do outro lado, tinha regras gramaticais ou sistematização e logo vinham os exercícios. Podia também ter algumas regras fonéticas, um vocabulário para consulta e no fim da unidade, um resumo de todo o conteúdo da unidade. Por exemplo, no fim da unidade II (p.29), podia-se ler:

“*you are capable of :*

1. *Pedir – Eu queria...;*
2. *Perguntar o preço – Quanto é... / Quanto custa ...,*

3. *Perguntar - Como.../Onde.../ Quem.../ Que.../ Quando.../ Por que.../ O que.../ Quanto.../ Quantos.../ Quantas...*
4. *Indicar o tempo – Ontem/semana passada... etc*
5. *Agradecer – Obrigado (a)*
Responder – De nada.
6. *Pedir desculpas – Desculpe.*
Responder - Não tem importância.
7. *Pedir passagem ou interromper - Com licença.*

Ilustração (desenhos)

Gramática:

1. *Numerais cardinais (um, dois, três etc.).*
2. *Pretérito perfeito dos verbos regulares terminados em AR (-ei, -ou, -amos, -aram).*
3. *Verbos irregular IR no pretérito perfeito.*
4. *Pronomes interrogativos (onde, como etc.).*
5. *Advérbios de tempo (ontem, hoje, à tarde etc.).*
6. *Fonética (sons do R, S, LH e NH)”*

Como vimos, dentro do material, não tínhamos fitas ou algum outro caderno de exercícios além do livro “fala Brasil”. Esse livro não é como outros livros de qualquer língua estrangeira que se ensina nos centros de línguas brasileiros. É muito mais simplificado. Não sei se é pelo fato de estudarmos o português brasileiro morando no próprio país onde temos o apoio da população e da mídia em geral. Tudo isso nos permitiu treinar bastante o português falado. Apesar disso havia ainda a barreira cultural a superar.

O melhor seria morar numa família brasileira não num hotel. Foi o que eu fiz. Fiz amizade com um brasileiro (o Maurício) e fui morar um mês com ele e sua família (pai, mãe, irmãs, etc.) no núcleo bandeirante. Essa diferença entre a teoria aprendida na escola de língua na UnB e a prática que eu vivia na família de Maurício ou nas ruas ou outros lugares do Distrito Federal se notava quando falava ou escutava as pessoas falarem: cada uma tinha seu sotaque e as regras gramaticais nem sempre eram respeitadas ao pé da letra. Por exemplo, quantas vezes ouvi as pessoas falarem “pra mim ver”? Portanto, era difícil fazer a síntese entre tudo que aprendia e o que eu vivia.

Lembro-me, por exemplo, que uma vez fui a uma loja, antes de entrar, havia as inscrições “puxe” e “empurre” na porta da loja. A primeira dificuldade foi a de interpretar essas palavras. Como o francês é a língua que mais interagiu com o português que estava aprendendo, interpretei o “puxe” como o “pousse” do francês. Mas infelizmente, não deu certo. Era o contrário. É a palavra “empurrar” que tinha de ser interpretada assim. Porque “puxe” em francês significa “tire” (sentido contrário de “pousse”). Depois de ter efetuado os dois movimentos com a porta: para frente e para trás, consegui entrar.

Quando entrei na loja, a atendente ou vendedora logo veio sorrindo para mim, dizendo “Pois não não ?” Aí foi mais um momento de pânico: não entendi nada. Não tinha aprendido isso na escola. A dúvida era por que o “não” vinha com o “pois”? Não sabia se ela não queria me atender por ser negro e africano (já que a fama do negro e do africano não é boa na sociedade ocidental em geral), ou se ela achava que eu era um assaltante!? Mas ao mesmo tempo, ela estava sorrindo! Ela percebeu minhas dúvidas e mudou o vocabulário e disse: “Quer alguma ajuda ?” Aí, sim. Finalmente pude entendê-la.

Saí da casa da família do Maurício antes do final do curso. Alugara uma kitchenette na Asa Sul. Lá, tive outro convívio com outros brasileiros e brasileiras. Passei a participar de atividades cotidianas de pessoas de minha faixa de idade.

Comecei a sair, ir às festas, churrascos, danceteria, cinemas e a namorar. Fui também vítima de muitas piadas dos amigos brasileiros com seus estereótipos. Com tudo isso, aprendi outras palavras, outros usos, gestos etc. Por exemplo, quase todo mundo que encontrava não sabia nada sobre o Gabão, nem onde ficava. A ignorância era tanta que era preciso dar um curso de geografia a cada conversa, diversamente do que ocorria no Gabão. Em minha terra, quase todo mundo aprende na escola que o Brasil fica na América latina e que é o único país que fala português na América.

Para a maioria das pessoas, eu era apenas um africano, um negão ou até Gabão (muitos deles me chamavam pelo nome do meu país)! Para muitos, eu vinha de um país chamado África cujo presidente era Mandela. Eles não tinham noção nenhuma da diferença entre um país e um continente! principalmente, do Continente africano que tem muito em comum com o Brasil!

O curso na UnB terminou em meados de janeiro. Fui o melhor aluno do curso. Obtive meu diploma com nota máxima (menção SS). Portanto, podia ir para a Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), começar meu curso de Administração.

3. A ida para USP - São Paulo

Para ir para São Paulo, precisei da ajuda e da companhia de um outro amigo brasileiro “o Batatinha” a quem paguei a passagem de ônibus. Isso foi necessário porque tinha medo de chegar sozinho numa cidade como São Paulo, de ônibus. Chegamos a São Paulo via terminal Tietê em pleno Carnaval.

Antes de começar as aulas na FEA-USP, tive que passar por uma prova de proficiência em português no Centro de Cooperação Internacional (Ccint). Essa prova é destinada a todos os estudantes estrangeiros oriundos de países não-falantes do português que querem cursar o curso de graduação em alguma faculdade da Universidade de São Paulo. Fui aprovado. Mas o meu conterrâneo, o René, não foi. Ele teve que passar por outro curso de português no Centro de línguas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Ou seja, o curso da UnB não teve, ao final das contas, validade nenhuma para as instâncias uspianas, tal como a Ccint.

Fui morar de Hóspede no CRUSP. Em março de 1994, participei de uma gravação de televisão para o Programa *Fantástico*, da tevê Globo. Era uma reportagem da Helena G. sobre os estudantes estrangeiros recém-chegados à USP. Uma vez, dentro da USP, fui também vítima de um controle policial. Os policiais, que eram negros e brancos, me disseram que “era para a segurança do povo”.

Passei um mês embaixo das arquibancadas, nos alojamentos do Centro de Esportes da USP (CEPEUSP) com vários outros colegas. Estávamos aguardando a seleção para morar no Conjunto Residencial da USP (CRUSP). Quando fui conversar com a assistência social do COSEAS-USP, disse-lhes que era bolsista do Gabão e que recebia uma bolsa de cerca de mil e poucos dólares por trimestre e que às vezes atrasava. O resultado é que não fui selecionado para morar no CRUSP, tendo que procurar outro lugar para morar. Outro colega, em situação similar à minha, conseguiu uma vaga no alojamento. Aluguei, então, uma kitchenette no bairro da vila Sônia.

Em São Paulo entrei em contato com outros dialetos, ou seja, com outras maneiras de falar português: por exemplo, o pessoal do interior puxava o ‘r’ em palavras como porta, carta, corta etc; outras gírias: por exemplo, para falar comigo ou entre elas, para os homens dizia-se “Rapaz” em Brasília; outros jargões, por exemplo, na USP, os estudantes tinham sua maneira de falar. Por exemplo, para designar o restaurante universitário, diziam e diz-se ainda até hoje ‘bandeijão’. Enfim, tudo dependia do meio e das pessoas com quem se falava.

Na FEA, fui confrontado com outra realidade: era o único aluno negro da turma, mal falava o português. Fui vítima de piadas até de um professor. Não era convidado a integrar nenhuma panelinha pelos colegas, burgueses na sua maioria. Lá, aprendi a me enxergar como uma cor, a cor do pobre e de tudo que tem de negativo visto pela burguesia ocidental em geral. Logo percebi que estava no lugar

errado. Essas foram as razões que me fizeram pedir a mudança de curso ao Ministério da Educação (o MEC) em Brasília.

4.A graduação em Letras

No segundo semestre de 1994, comecei o curso de francês na FFLCH-USP. Sentia-me um pouco mais à vontade. Era um outro público, pois estava longe da FEA-USP: não precisava entrar em panela nenhuma. Podia estudar sozinho e tirar boas notas. Os colegas conversavam mais comigo; pois alguns queriam praticar o francês.

Tive grandes mestres em francês como em português e em todas as outras matérias. Consegui até uma bolsa de iniciação científica na área de literatura francesa com a Prof^a Regina Campos: tratava-se de pesquisar a presença francesa nas revistas brasileiras da “Belle époque” (final do século dezanove e início do século vinte). Isso me preparava para um mestrado em literatura francesa. Mas o que mais chamou a minha atenção na graduação foi o curso de tupi que fiz como matéria optativa com o professor Navarro. Esse curso me deu a vontade de estudar a minha língua materna: lembaama. Percebera algumas coincidências entre as duas línguas, por exemplo *ndé* “você” em tupi, é “ele” em lembaama; *anhanga* “diabo” em tupi, é “nozes” em lembaama.

O encontro com a professora Margarida Petter se deu no mesmo ano de 1994, quando fiz o curso de introdução à lingüística II. Ela me perguntou, como muitos me perguntavam, por que estava ali estudando francês se eu já o falava? Mas ninguém perguntava a nenhum estudante brasileiro por que estava estudando o português. Respondi que precisava do diploma e que era também o caminho mais confortável de chegar à pós-graduação, e que, na verdade, a minha vontade era de estudar lembaama. Então ela pediu para procurá-la assim que terminasse a graduação. Em 1998 e 1999, concluí meus cursos de graduação e de licenciatura em francês com muito sucesso e fui à procura da professora.

5.O Mestrado em Lingüística

Comecei o Mestrado em lingüística com a prof^a Margarida em 2000. O meu projeto era o de descrever a língua lembaama, algo muito amplo na época, por isso tinha que começar pela sua fonética e fonologia. Sendo pioneiro na área da descrição de línguas bantas na USP e até no Brasil, não tendo uma formação de lingüista, tive várias dificuldades: dificuldade pela falta de *know-how* em lingüística descritiva, dificuldade na formação de um *corpus*, até para fazer o recorte do estudo, etc. Tive de fazer muitas matérias para completar a minha formação como lingüista. Assim, estudei as línguas africanas

com a Prof^a Margarida (primeira a dar um curso sobre as línguas africanas na Universidade de São Paulo), a fonética e a fonologia do português com o Prof. Waldemar Neto, a etnolingüística com o Prof. Márcio.

Na mesma época em que introduzia o estudo das línguas africanas no Departamento de lingüística da FFLCH-USP, a Prof^a Margarida e seus alunos de Pós-Graduação, dos quais eu fazia parte, tínhamos criado o grupo de estudo de línguas africanas da FFLCH-USP: o GELA-USP, que se mantém ativo até hoje. A idéia, no início, era discutir textos sobre línguas africanas e teorias lingüísticas envolvendo essas línguas em geral.

No mesmo ano, o Sindicato dos Trabalhadores da USP (SINTUSP) começou uma greve que durou dois meses. Vendo que estava perdendo muito tempo, pedi uma bolsa de estudo ao governo do Gabão para continuar o meu Mestrado na França. Pensava que iria encontrar muitos materiais sobre lembaama lá, pelo fato de a França ter colonizado o Gabão.

Grande foi a minha surpresa quando cheguei à Université de Provence, Centre d'Aix-en-Provence (Sul da França) e não encontrei material nenhum sobre lembaama. Dei-me conta de que o que interessava aos colonizadores franceses não eram as línguas do Gabão, e sim o seu petróleo e suas outras matérias-primas! Não deu certo! Bem que a Margarida me avisara.

Tive que encerrar a minha estada de um ano lá e voltar para o Brasil no final do ano de 2001, reencontrar a Prof^a Margarida e os colegas do GELA-USP. Como havia passado mais de um semestre sem fazer a matrícula no Departamento de lingüística, perdi a minha vaga de Mestrando. Então, de 2002 a 2005, fiz tudo de novo: seleção, proficiência em língua estrangeira, matérias etc. Desta vez, sem bolsa, trabalhando e estudando, consegui concluir o meu Mestrado, com distinção, no dia 16 de setembro de 2005, sob a orientação da Prof^a Margarida. Realmente, tinha que ser com ela. O destino havia decidido assim! O Gabão perdeu um administrador, mas ganhou um lingüista.

A minha Dissertação teve como título “Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do lembaama”. A banca foi formada pelos professores Doutores Margarida Maria Taddoni Petter da FFLCH-USP (Presidente), Angel Humberto Corbera Mori da Unicamp (titular) e Didier Sheila Jean Marie Demolin da Université Libre de Bruxelles e da USP (titular).

6. A dissertação de Mestrado

Nesse trabalho propusemos uma análise preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia da língua lembaama², que pertence ao subgrupo banto, B.62 (Guthrie, 1971), do grupo Benuê-Congo, do tronco nigero-congolês. Como esta língua não apresentava ainda nenhum estudo deste gênero, esperava-se que essa primeira análise possibilitasse o desenvolvimento de estudos posteriores mais aprofundados do que este e em outros campos lingüísticos.

A análise fonológica revelou a existência de vogais longas, de consoantes palatalizadas, labializadas, pré-nasalizadas, e pré-nasalizadas-palatalizadas. A análise de processos fonológicos demonstrou que a nasalidade é uma propriedade das consoantes que se transmite às vogais adjacentes aos segmentos nasais. Quanto à análise nominal, ela definiu a composição dos nomes da seguinte maneira: Prefixo Nominal (PN) + raiz, e os classificou em 12 classes.

Foram também identificados em lembaama fenômenos fonológicos como a semivocalização, o alongamento vocálico, o apagamento vocálico, a variação livre e a palatalização que servem para evitar a ditongação e manter a estrutura CV desta língua. A análise dos tons evidenciou dois tons pontuais: um alto [´] e um baixo [˘] e uma regra de apagamento do primeiro tom quando dois tons se encontram.

Esse trabalho é a primeira descrição científica de uma língua banta no Brasil. Está publicado na Biblioteca digital da USP, no site dos lingüistas do Gabão, e uma cópia se encontra na Biblioteca do Musée Royal de l'Afrique Centrale em Tervuren, na Bélgica.

Depois do Mestrado, fui passar dois meses no Gabão. Onde pude reencontrar meus familiares, nas cidades e na aldeia. Fiz um pouco de trabalho de campo de uma maneira informal. Trabalhei também com o prof. Dr Jean Paul Rékanga, da Universidade do Gabão.

Na volta para o Brasil, em 2006, senti a necessidade de continuar a descrição do lembaama, como havia apenas estudado o nome no Mestrado, queria desta vez estudar o verbo. Daí surgiu a idéia de estudar a sua morfologia verbal. Foi assim que depois de ter passado no processo de seleção, em agosto de 2006, me matriculei no Doutorado, na área de Semiótica e Lingüística Geral sob a orientação da Prof^a Margarida Maria Taddoni Petter.

7.Considerações finais

Para concluir este texto, diria que até agora continuo aprendendo a língua portuguesa. Continuo cometendo outros erros. Mas estou evidentemente muito melhor do que quando cheguei. Hoje estou redigindo o relatório de qualificação da minha tese de Doutorado, sobre a morfologia verbal do

²Esta língua é também conhecida oficialmente no Gabão como *obamba*.

lembaama, em português. Vejo que ainda tenho muito a aprender. Isso porque não tenho o costume de escrever muito em português. Só se aprende a escrever, escrevendo.

Sou professor autônomo de francês e de inglês; e por ironia do destino, desde 2006, dou aulas de francês no Centro Acadêmico Visconde de Cairu na FEA-USP! Finalmente, penso que sou a soma de todas as experiências pelas quais passei. Procuro passar tudo aquilo que aprendi de melhor aos meus alunos brasileiros. Agradeço a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui. A vida continua e como dizem, é uma grande escola!